

## Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*

Sóstenes Rego \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0003-0772-2316>

**Resumo** (português): *Nyungwe* é uma das línguas bantu, da Família Níger-Congo, Grupo Ntsenga-Sena, situada no grande Vale do Zambeze, em Tete - Moçambique. Assemelha-se a sena, nyanja e tawara. Este artigo intitula-se "Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe* (não Publicado)". Surge da necessidade de explicitar os mecanismos da elaboração do aludido dicionário por duas ordens de razão: i) pelo seu carácter pioneiro e ii) pela sua metodologia, também, ela, pioneira. Claramente, este dicionário monolíngue funciona como documento identificativo desta língua. Desde logo, a questão central era como compilar um dicionário desta índole nestes contextos? Daí, que, a metodologia adaptada a uma língua oral, sem tradição escrita, fosse a de socorrer-se a um pouco de tudo: da interdisciplinaridade, dos fatos, da cultura, da história, da oralidade, do pouco escrito que existe em e sobre o *nyungwe*, das outras línguas, do senso comum, para fundamentar as hipóteses e os argumentos escolhidos na atribuição do(s) sentido(s) e/ou do(s) significado(s) de cada palavra e na capacidade desta se explicar a si própria. Os recorrentes ideofones jogaram esse papel metalinguístico, conjugados com fatos presentes e passados, com os corpora ora criados e com o apoio de informantes falantes *nyungwes*, permitiram a que se chegasse a um consenso de base sobre o significado ou sentido da palavra em causa. O estudo concluiu que esta metodologia não somente se aplica aos ideofones mas é extensível às palavras de uso comum ou outras do *nyungwe*. E, é provável que, no geral, a metodologia possa ser replicável a outras línguas africanas/ *bantu*, sobretudo as de Moçambique. O resultado da sua aplicação foi a produção de um dicionário com cerca de 400 páginas, o primeiro do género em *nyungwe*. Este é apenas o começo. Há que melhorá-lo. Há que haver outros congéneres.

**Palavras-chave:** língua *nyungwe*, língua oral, dicionário monolíngue *nyungwe*, Tete - Moçambique.

### **Bzwakucitika Bzwakudziwisira Mafambidwe yentse ya Makondzedwe ya Gwangwa la nciNyungwe**

**M'gwatizo:** Basali lincemerredwa "Bzwakucitika Bzwakudziwisira Mafambidwe yentse ya Makondzedwe ya Gwangwa la ciNyungwe cokha cokha (likanati kudziwisidwa kuna Wanthu)". Lidacitiwa kuti liratize padeca mabasa yadawoneka pakukondza gwangwali na thangwe la bzikulu bziwiri: i) na kuti bzikwanati kucitika na ii) na kutimbo macitiro yaceyo ngapswa pomwe. Ncadidiretu, gwangwali lirikuwoneka ninga cizindikiro ca ciredwedweci cakusaya kudziwika kwene kwene. Yambe na yambe, mphicha ikulu ikhali bzingacitike tani kukondza gwangwa la ntundu umweyu mumakhalidwe yamweya? Ndipopo, nsambo wamakondzedwe gwangwa lakuyenera ciredwedwe cakulewalewa coka, cakusaya nsambo wakunemba nemba, ngwakuyenda uciluyira ciri centse: bzuwulo bzuwentse, bzuwacitika, bzuwamakhalidwe, bzuwakale, bzuwamafala yapamulomo na yale yadanembewa ncinyungwe ayayi yakufokotoza bzuwacinyungwe, bzuwamalewedwe yanango, bzuwakudziwika na

---

\* Linguista, investigador, especialista em língua, cultura e literatura *nyungwe*, docente. E-mail: [sosttete@yahoo.com.br](mailto:sosttete@yahoo.com.br)

wentse, bwentsebwzi kuti bwidjimbikire ndzeru na bwithumbudzulo bwace bwidasankhulidwa pakuthumbudzula cinirewa (ma)fala na cithandizo cafalalo kubwithumbudzula lokha. Ntundu umweyu wamafala udathandiza pakulu mathumbudzulidwe ya mafala yanango na kuthandiziwa na bwakucitika pale na pano, na bwakukhonchedzedwa bwacinyungwe na nthandizombo waadziwi cinyungwe, bwidakwanisika kufika pam'bverano ubodzi wamathumbudzulidwe yamafala yalipoyo. Basali lidamalizira na kulewa kuti ndjira idasankhulidwayi iniyendesa kutali, infikisa kumafala mazindji ya cinyungwe. Ingafikisembo kucirededwe cinango cacisendzi, maka maka ca kuMusambiki, ca mphicha ninga cinyungwe. Na kutewera ndjirayi, lidamangiwa gwangwa lamatsamba 400 ya mafala ya ncinyungwe ya kuthumbudzulidwa ncinyungwe. Bzwimwebzwi bwikhanati kucitiwa. Nkhuyambiratumbo. Tsono bwini'goderalini pamwepa. Bzwifunika kumalizira bwino bwino. Bzwifunikambo kuti awoneke winango wakuyenderera nayo mabasa ninga yamweya.

**Mifunguliro:** *cinyungwe, cirededwe cakulewalewa cokha, gwangwa la cinyungwe cokha coka, Nyungwe - Musambiki.*

## **Contextualization for Understanding the Process of Compiling the Monolingual Nyungwe Dictionary**

**Abstract:** This article is entitled "Contextualization for Understanding the Process of Compiling the Monolingual Nyungwe Dictionary (unpublished)". It arises from the need to explain the mechanisms for the elaboration of the referred dictionary for two reasons: i) for its pioneer character and ii) for its methodology, which is also pioneer. Clearly, this monolingual dictionary functions as an identification document for this semi-known language. From the start, the central question was how to compile a dictionary of this nature in these contexts? Hence, the methodology adapted to an oral language, without written tradition, would be to grab a little bit of everything: interdisciplinarity, facts, culture, history, orality, the little writing that exists in and about nyungwe, other languages, common sense, to support the hypotheses and arguments chosen in the attribution of the sense and / or meaning of each word and in its ability to explain itself. The recurrent ideophones played this metalinguistic role, combined with present and past facts, with the corpora now created and with the support of Nyungwe speaking informants, allowed a basic consensus to be reached on the meaning or sense of the word in question. The study concluded that this methodology not only applies to ideophones but is extensible to words in common or other usage in nyungwe. And, it is likely that, in general, the methodology may be replicable to other African / Bantu languages, especially those from Mozambique, under identical conditions as those of Nyungwe. The result of its application was the production of a dictionary with about 400 pages, the first of its kind in nyungwe. This is just the beginning. It needs to be improved. And many others as well are necessary.

**Keywords:** nyungwe language, oral language, monolingual nyungwe dictionary, Tete - Mozambique.

## **Introdução**

*Nyungwe* (N43) é uma das línguas *bantu*, da Família Níger-Congo, Grupo Ntsenga-Sena (N40), situada no grande Vale do Zambeze, em Tete - Moçambique. É muito

semelhante sobretudo com o *sena* (N44), mas também aparenta-se ao *nyanja* (N31) e *tawara*. Estende-se ao longo das margens do rio Zambeze, grandemente na margem direita ou sul, compreendendo partes ou a totalidade dos distritos de Changara (156,738), Marara (89,956?), Cahora-Bassa (89,956), Chifunde (101,811 - [https://en.wikipedia.org/wiki/Chifunde\\_District](https://en.wikipedia.org/wiki/Chifunde_District) (acesso a 21/01/2021)), Moatize (343, 546), Mutarara (173.867) e a própria cidade capital provincial de Tete (305,722), também com estatuto de distrito. Historicamente, e antes da independência, as línguas bantu de Moçambique eram marginalizadas (sem nenhum estatuto oficial e sem poderem ser ensinadas ou promovidas) e, até, de certa forma, reprimidas (nas escolas, havia castigos físicos aos alunos que fossem apanhados a falar a sua língua materna). As autoridades coloniais reconheciam somente uma língua – a língua portuguesa. O resto, quanto muito, era tido como dialetos ou mesmo língua de cão/ macaco, conforme as preferências do seu autor.

Após a independência, sobretudo nos primeiros anos, pouco ou nada mudou. Apesar de já serem consideradas línguas nacionais autónomas, continuaram, no entanto, a ser proibidas nas escolas, alegando que interfeririam negativamente na aprendizagem do português e das matérias escolares. As punições a alunos que falassem as suas línguas maternas (muitas vezes confundidas com dialetos, fruto da herança colonial) não cessaram. O português viu o seu estatuto a ser elevado a língua oficial única e com direitos de campanhas para a sua promoção e divulgação. Como resultado, o número de falantes do português aumentou na mesma proporção em que descia o número de falantes das línguas moçambicanas de raiz bantu-africano.

O *nyungwe* tem estatuto de língua étnica (anúncios pomposos da necessidade de valorização das línguas nacionais, regionais, mas, de cuja operacionalização, é nenhuma. Nunca passaram de propaganda política, que apenas servem para distrair os incautos), i.e., limitada à esfera étnica (*makhuwa*, *sena*, *nyanja*, etc.), local, familiar, informal, minoritária/minorizada - O número de falantes é incerto. Rego (2012, p. 32) estima situar-se entre 700.000 a 1.000.000 habitantes. Esta estimativa baseia-se no número de habitantes dos distritos onde se fala a língua. Aliás, recorreremos ao critério usado pela CPLP e outras entidades para estimarem que existem cerca de 270 milhões de falantes da língua portuguesa no mundo.

Parece mais acurado do que os 475.290 (INE - Moçambique, 2010 e da Câmara (2018, p.23), número que permanece inalterável desde que há registo, o que é de

estranhar) e 262.000 (Simons, 2018), citados por Ivanov (2018, p.55), não-oficial, radiodifundida pela emissora provincial de Tete e usada em certas escolas básicas, abrangidas pelo ensino bilingue, do sistema nacional de educação de Moçambique. A atitude dos próprios falantes nyungwes não é favorável. Consideram-na um dialeto e não uma língua (prestigiada) que seja merecedora de ser objeto de estudo. Quase nenhum deles se vê no papel de a pesquisar ou estudá-la para fins comunicacionais ou outros. Não existe nenhum manifesto entusiasmo em relação à introdução da sua língua no ensino bilingue. Estas línguas ainda continuam a ver o seu estatuto permanecer como línguas não oficiais. Ainda se confunde promover estas línguas com o promover o tribalismo e a divisão entre os moçambicanos.

É tabu ou politicamente incorreto afirmar a sua etnia (etnicidade). Quando deveria ser precisamente o contrário. Desde a independência, em nenhum dos sucessivos governos, a questão linguística esteve nas prioridades. Mais, sempre se governou como se de um país monolíngue se tratasse. Aliás, nem sequer se sabe ao certo (pelo menos não é claro) o número exato de línguas existentes em Moçambique. Pelo contrário, nos países vizinhos, isso é um assunto arrumado: Zâmbia (73), Malawi (16), Zimbabwe (16), África do Sul (22).

O presente artigo visa dar uma breve panorâmica do dicionário monolíngue *nyungwe*, pioneiro nesta língua, segundo em Moçambique e um dos raros nas línguas africanas/ *bantu*, muito em particular nos países da CPLP, mas também nos de África subsariana. O *nyungwe* é uma língua pouco estudada, pouco descrita (documentada). A prova disso é a ausência de equipas de investigadores e de instituições tanto moçambicanas como portuguesas, ou outros, a escassez de dotações orçamentais para o efeito assim como de investigações concluídas, em curso ou em fase terminal. O resultado disto é a escassez de textos e/ou materiais escritos em e sobre *nyungwe*.

Os poucos estudos que se conhecem são: Courtois (1899, 1900), Ferrão (1970), Martins (1991), Rego (2000 e 2012), Câmara (2018), Ivanov (2018), e trabalhos universitários em número insignificante. Este cenário cobre quase a totalidade das línguas africanas/ *bantu* de Moçambique<sup>1</sup>. Dos trabalhos acima mencionados, nenhum deles

---

<sup>1</sup> Saliente-se que os primeiros e únicos textos escritos publicados desta língua surgiram das mãos de missionários europeus que, em geral, mal sabiam falar a língua ou, até, não a falavam de todo. Daí, haver muitas imprecisões e mal-entendidos. Os missionários também foram responsáveis pela criação e circulação de muitas palavras nyungwes e não só: <http://imc.consolata.org.br/90-anos-de-historia-em-mocambique/> (acedido em 21/01/2021).

versa sobre dicionários monolíngues, sendo este, a primeira tentativa do género. Existe apenas um único dicionário monolíngue *changana* publicado em 2012.

Portanto, o grande propósito do tal dicionário é cobrir a lacuna existente de documentos escritos em *nyungwe*, nomeadamente, dicionários monolíngues<sup>2</sup> em *nyungwe* em particular e em línguas moçambicanas em geral. Por outro lado, visa contribuir, ainda que de forma modesta, para a preservação, promoção e divulgação de um património cultural, histórico *nyungwe* que vai desaparecendo a olhos vistos.

O dicionário referido no parágrafo anterior tem um *corpus* do tipo orgânico<sup>3</sup>, ou seja, aquele que se vai adaptando (vai sendo (re)construído, podendo crescer ou decrescer) à medida das necessidades do dicionário preconizado. Com vista à diversificar as fontes, incluiu-se no *corpus* toda a ambiência, toda a envolvente deste estudo, sem excluir o próprio investigador<sup>4</sup>, que, com a sua introspeção, intuição, elicitación e algum toque artístico e criatividade vai construindo o *corpus* em si, acrescentando *inputs*, interpretando, etc.

Sendo um trabalho pioneiro<sup>5</sup>, em que o *nyungwe* se autoexplica e explica outros conceitos nunca antes explicados, há necessidade de propor critérios metalexográficos que ainda não existem para um dicionário monolíngue *nyungwe*, o trabalho baseou-se em dados ou fatos culturais, históricos, geográficos assim como noutras línguas para tentar

---

2 A maior dificuldade enfrentada na realização deste projeto prende-se com a falta de apoio. Há uma grande relutância em financiar projetos que à partida não são economicamente rentáveis, não são vendáveis, não são geradores de lucros imediatos. Arrolo aqui algumas das minhas testemunhas - pessoas individuais e coletivas, personagens, instituições e entidades públicas e privadas - cuja honra, bom nome e idoneidade são inquestionáveis abonatórias das minhas demandas à procura de parcerias. Só para ter uma ideia do que me refiro e mesmo correndo risco de me esquecer de algumas, cito, de cor, individualidades e particulares que contactei, formal e/ou informalmente, por meio de emails, telemóveis, WhatsApp ou contacto direto, diligenciando apoio para produzir e publicar o meu dicionário monolíngue *nyungwe*: (i) UNESCO (Paris, 2001?; Moçambique, 2015-6, via funcionário sénior desta instituição Noel Chicuecue); HCB (Songo, 2016-18, por intermédio de Domingos Torcida, Virgílio Lemos); Câmara Municipal de Oeiras (Lisboa, 2020); Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, 2020); CLUNL - FCSHUN (Lisboa, 2020, Rute Costa); Rádio Moçambique, Emissora Provincial - Tete (2016-17, Arune Valy); CNRS - LLACAN (2020, Mark van de Velde), além de países como Alemanha, Bélgica, Canadá, EUA, Centro de Estudos Africanos (2013-16, CEA - UEM, Armindo Ngunga), CEUP (2018, Isabel Galhano), Jeffrey Wills (2017), University of Gent, Centre for Bantu Studies (Gilles-Maurice de Schryver), LLACAN (2019, Rozenn Guérois), Margarita Correia (2020, Prof. FLUL, investigadora do ILTEC-CELGA e Presidente do Conselho Científico do IILP).

3 Um *corpus* suficientemente representativo, equilibrado para dicionário duma língua natural e viva (i.e., em uso) é quase impossível. O essencial é que haja *corpus*, sem se preocupar demasiado com a sua validade (, citando Kennedy (1998: 20, 52, 62), p. 153).

4 À semelhança do observador participante.

5 Trata-se, portanto, de uma abordagem preliminar, de um estudo pioneiro nesta língua, com todas as implicações que isso representa ou pode representar. Teve início em 2012 assim que entreguei a minha tese de doutoramento e somente agora termina a sua primeira versão. Acabei por ter de o realizar sozinho, nas minhas horas vagas, sem apoio de espécie alguma, a não ser moral. Anos antes (2000), no âmbito do meu Mestrado, reunira um *corpus* de portuguesismos em *nyungwe*. Tudo isto culminou neste dicionário monolíngue *nyungwe*.

cavar as suas origens para daí procurar extrair qualquer informação interessante para explicar os seu(s) sentido(s) e/ou de significado(s). Sublinhe-se que esta metodologia interdisciplinar funcionou em muitos casos.

Assim, os significados das palavras têm relação direta e refletem as realidades descritas nos dois parágrafos anteriores. Esta associação, contextualização da língua à sua realidade cultural, histórica, geopolítica, faz todo o sentido na medida em que a língua é tudo que existe/existiu e a originou em palavras. Ora, regra geral, em *nyungwe*, o nome atribuído às coisas tem por finalidade procurar caracterizar e/ou descrever os seus traços físicos, as suas formas, os seus hábitos, os seus efeitos. Logo, as metalinguagens devem ser geradas com base num *corpus* concreto.

## 1. Tratamento de dados

As línguas *bantu* de Moçambique, para o bem e para o mal, o pouco que ficou registado em letra de forma, foi pelas mãos de europeus, principalmente missionários. Como consequência, estas línguas usam alfabeto latino<sup>6</sup> e não árabe, como seria de esperar, porquanto os árabes<sup>7</sup> foram os primeiros a fixarem-se em Moçambique, serem em número superior que os ocidentais, pela permanência mais prolongado no tempo e no espaço e pela apetência pelas regiões mais interiores do país, consideradas inóspitas pelos europeus.

Conforme referido no parágrafo anterior, a grafia *nyungwe* assenta na cultura gráfica dos primeiros que a escreveram. Geralmente, não falavam a língua<sup>8</sup>. *Terão feito o melhor que podiam para reproduzirem fielmente por escrito o que os seus ouvidos (pouco treinados para estas línguas) podiam captar*<sup>9</sup>. No entanto, não há dúvidas que terá havido muitos equívocos, alguns dos quais desvirtuadores da própria língua.

---

<sup>6</sup> Implicando, desde logo, no caso *nyungwe*, o seu aportuguesamento. Cf. "romanização do japonês, i.e., escrita deste idioma com o alfabeto latino". <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/artemarcial-japonesa-2/22357> (acedido em 09/02/2021).

<sup>7</sup> <<After about four centuries of Arab influence and settlement on coastal islands such as Moçambique and Ibo, the first Portuguese, Pero da Covilhã, reached Moçambique Island and Sofala in 1489.>> [http://www.fcsh.unl.pt/mozdata/files/original/6/3291/MOZ\\_129.1.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/mozdata/files/original/6/3291/MOZ_129.1.pdf) (acedido em 03/02/2021)

<sup>8</sup> É o que eu refiro como o dilema das nossas línguas: os que as escreveram não as falavam e os que as falavam não as escreveram porque não sabiam escrever. Hoje, os falantes (nativos) não as escrevem porque não é lucrativo.

<sup>9</sup> Marco Neves explica este fenómeno nos seguintes termos: "Afinal, quando não temos um som na língua, ignoramo-lo com facilidade. Muitos portugueses ouvem um inglês a dizer *ship* e pensam ouvir ali no meio o nosso som /i/, por interferência gráfica e porque não temos o fonema inglês /ɪ/ (bem distinto do /i/ aos ouvidos de um inglês)..." e eu vou mais longe: Ou ouvimo-lo [o som] com o que se assemelha aos sons que nos são familiares e substituímo-lo por esses, alterando a sua essência. Ciberdúvidas da LP,

Por outro lado, a língua *nyungwe* absorveu todos os acontecimentos que tiveram lugar nos territórios habitados pelos *anyungwe*: desde as sucessivas ocupações de *bantu*, árabes (comerciantes), *swahili*, portugueses (exploradores, comerciantes, missionários), passando pelos impérios *nguni* (*Mpfehani*, *Ngungunyani*), *Monomotapa* até *Maravi*.

O Vale e o Delta do Zambeze foram uma via de acesso para pelo menos três grupos de invasores: os indonésios, que também se estabeleceram noutros grandes vales de rios africanos, e presume-se que tenham vindo em cerca de 500; os portugueses, que estabeleceram postos militares e se envolveram no comércio e na agricultura extensivos a partir do século XVI; e os invasores Nguni que, originalmente escapando da guerra de Natal no início do século 19, saquearam o centro de Moçambique até o final do século, finalmente se estabeleceram entre o povo Maravi. A população heterogénea desta área inclui os Chikunda, os Nyungwe (incluindo os Sena-Tonga e os Tavara), os Sena e os Cuabo. (idem)<sup>10</sup>

Tudo isto provocou grandes mobilidades populacionais e alterações de estruturas e tecidos sociais que culminaram com várias mudanças, incluindo nas línguas que foram incorporando novos vocábulos, reflexo de produtos culturais introduzidos por estes estrangeiros. A língua reflete também os mitos, os nomes e/ou as práticas dos povos, dos chefes tribais e de guerra, as terras, a fauna e a flora, os acidentes geográficos (serras, rios) vividos, contactados, passados. O comércio daquela época incluía o comércio de escravos, além de marfim, ouro, que trocavam por tecidos, missangas (contas), pentes, armas (de fogo) e outras bugigangas. Outra forma de obtenção de escravos era por caça ou como presente.

Nada escapa à língua. Para compreendermos toda a sorte de palavras que nos vêm de todas as partes de África e do mundo, é necessário ter em conta que: i) Moçambique, além do Malawi, Zâmbia e Zimbabwe, foi um dos fornecedores de mão de obra barata para a África do Sul. E, que, Tete ainda que esteja longe, direta e/ou indiretamente, recebemos termos provenientes dessa ligação; ii) não sobrou um palmo sequer de África onde o português (carregado por escravos) não tenha posto lá o seu pé. Donde *mulomo* 'boca, lábio' (*Lomo*, Etiópia); *khambi* 'sabor agri-doce' (Gâmbia); *ngana*

---

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/quem-inventou-o-nosso-alfabeto/3947> (acedido em 10/02/2021).

<sup>10</sup> The Zambezi valley and delta have been an access route for at least three groups of invaders: the Indonesians, who also settled in other large African river valleys, and are presumed to have come in about 500; the Portuguese, who established military posts and engaged in extensive trade and agriculture from the 16th century; and the Nguni invaders who, originally escaping from warfare in Natal at the beginning of the 19th century, marauded throughout central Mozambique until the end of the century, finally settling among the Maravi people. The heterogeneous population of this area includes the Chikunda, the Nyungwe (including the Sena-Tonga and the Tavara), the Sena and the Cuabo. (idem)

Sóstenes Rego, Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*...

'fulano' (Gana); *bombo* 'gafanhoto' (*Bombo*, RDC); *kulimba* 'ser/estar forte/firme' (*Limba*, RDC); *nkongo* 'clítoris' (Congo, rio); *gole* 'ano' Goré (Senegal); *sinyala* 'senhora' Goré (Senegal); *ntsengwa* (*nsengwa*) 'peneira pequena', *nyandza* (*nyanja*) 'profundidade das águas', *kuyanacha* (*nyanja*) 'nadar', *kusamba* (*kusambira*) 'tomar banho, nadar', *ntsomba* (*Zomba*) 'peixe' (*Malawi*); *ngololo* 'garganta' (*Ngorongoro*), *congololo* 'centopeia' (*Ngorongoro*), *Nkhongwe* 'vísceras de cabrito dobradas' *Kongwa* (Tanzânia); *kuganda* 'rebolar na porcaria', *khanda* 'pele', *kukanda* 'massajar' (Uganda); *cikalango* 'panela de barro' (*Karanga*), *kulamba* 'recusar' (*Lamba*), *mulamba* 'peixe preto escorregadio' (*Lamba*), *kusaka* (*Lusaka*) 'limar, abrindo os dentes com lima' (Zâmbia).

## 2. Organização de dados

Na organização de dados para este dicionário, tiveram que ser tomadas muitas decisões, nomeadamente (i) incluir ou excluir a partir da análise dos verbetes de Martins (1991), (ii) abreviaturas, (iii) transcrição fonética, (iv) desenvolvimento do dicionário. Em relação ao primeiro ponto (i), e à luz do princípio da que indicar deparou-se com situa em que aspeto. Sob a capa de *in* (inovação), estão sememas não constantes no dicionário de Martins (1991), que, por alguma razão ou outra, terão escapado à lupa do padre na sua recolha e tratamento lexicográfico.

A barra oblíqua simples<sup>11</sup> serve para separar variantes, alinhadas no mesmo verbete e não em verbetes separados como acontece em muitos dicionários:

Bendeseri/ Kabendeseri/ Pabendeseri, Bvemberekete/ Mbvemberekete, Bvuwo/ Cibvuwayiro, Cafufumimba/ Campfufumimba/ Canfufumimba/ Mpfufumimba, Cibayo/ Kabayo, Cicenere/ Ciceneremo/ Cicenero/ Ciceneromo, Cigwambu/ Cigwambu gwambu, Nsasa/ Tsasa/ Tsatsa, Nswapo/ Nswaswa/ Nswaswayira, Nthabwala/ Nthabwalabwa, Nyaa/ Nyanya/ Nyaya, Tondolindo/ Tondondo, Tsekhwé tsekhwé/ Tsekwe tsekwe/ Tsekwete tsekwete/ Tsekwetetsekwete, Ukhukha/ Ukhukhulira/ Ukhulira.

Isso evitou o avolumar desnecessário do dicionário por não acrescentar conteúdos novos, concentrando informação no mesmo sítio, passível de facilitar o leitor. A ordem é alfabética, de A a Z. As abreviaturas (abrev.) estão todas grafadas com três letrinhas apenas, exceto aquelas já padronizadas ou com duas (ár.) ou mais de três (abrev.).

Quanto à transcrição fonética (iii) dos lemas/ lexemas, ainda não foi feita, aguardando as próximas oportunidades. O dicionário foi desenvolvido (iv) de acordo com os meus conhecimentos teóricos e práticos do *nyungwe*, intuindo definições com base no

---

<sup>11</sup> Também usada para os mesmos efeitos no dicionário Xichangana (2012: xi).

contexto cultural e histórico da língua e nas próprias palavras retiradas de materiais escritos tais como (ver lidemo, etc.) e extraíndo exemplos de Martins (1991).

### 3. Análise de dados

Os dados deste estudo foram recolhidos com uma metodologia assente em quatro principais eixos de saberes: (i) línguas, etnolinguística e literaturas; (ii) artes, (iii) história, (iv) geografia humana, sociologia e antropologia e (v) ciência, que fui encontrando em pesquisas na internet, sempre tendo como ponto de partida Martins (1991), numa espécie de diálogo com esta obra. Daí, por exemplo, o uso do símbolo *x* ou da abreviatura *in*, em reação ou resposta às coisas em que estou em desacordo ou julgo estar em falta, respetivamente. Divergimos também em certas grafias. Mas, no geral, há que reconhecer o elevado valor e contributo desta obra à língua e cultura *nyungwe*.

Quem quiser se aventurar na investigação da língua *nyungwe* vai-se deparar com duas realidades: (i) ou um relativo vazio de textos escritos (ii) ou textos escritos, melhor dizendo, traduções escritas, de carácter religioso. Isto diz bem do estado da arte dos estudos *nyungwes*. Cada palavra tem uma história. Algumas contam a sua própria. Cabe ao linguista possuir engenho e arte para as dar vida. É o que se procura atingir com este trabalho.

A este nível inicial de estudos lexicográficos *nyungwes*, o exercício de busca e captura do que terá estado envolvido no surgimento de uma palavra tem ajudado bastante a diagnosticar, revelar e a tentar compreender alguns fenómenos que envolvem e cobrem o seu significado. Isto pode não funcionar tão bem em todas as línguas, mas, em *nyungwe*, está a funcionar bem, pelo menos como ponto de partida. Aliás, Barata (Paulo J. S.), na rubrica **Atestação/ significado de palavras**, Ciberdúvidas <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/pelourinho/o-displiciente-displiciente/2314> (acesso em 26/01/2021), recorre ao mesmo expediente. Portanto, há alguma conexão histórica entre a origem da palavra e o seu significado. Daí ser importante tentar traçar a origem da palavra para lhe compreender o seu significado.

Nesse sentido, saliente-se que as movimentações de pessoas e bens, à época, em grandes quantidades, causadas pelo comércio em geral, mas sobretudo o de escravos, em particular, provocaram a introdução e movimentação de vocábulos que acompanhavam e traduziam os dramas e traumas vividos, os ambientes e as paisagens observadas, os duros trabalhos realizados e as péssimas condições existentes.

Este comércio mexeu com tudo: com o tecido social, cultural, económico, político, linguístico, etc., de cujas consequências foram irreversíveis e de que hoje temos alguns testemunhos que, do ponto de vista linguístico veremos mais adiante. A distinção entre onomatopeias e ideofones ainda não está feita na língua *nyungwe*. Neste trabalho, também não, apesar de ser assunto recorrente. Por causa disso, provavelmente debatermo-nos-á com esta questão amiudadas vezes.

#### 4. Entradas/ verbetes

O dicionário está organizado em lemas/ lexemas, palavras ou conjunto de palavras que correspondem as entradas de cada verbete e que são objeto de definição, explicação gramatical, descrição enciclopédica, etc. ou (no caso dos dicionários bilingues) do qual se fornece um equivalente noutra língua<sup>12</sup>. Estes encontram-se por ordem alfabética. Esta ordem, às vezes, é baralhada devido à instabilidade gráfica/ ortográfica que se verifica em *nyungwe*. Ao verbete, foram fornecidas todas as informações necessárias e possíveis para o cabal esclarecimento do lema: classe gramatical, ideofone (onomatopeia), origem (etimologia), semelhança formal e/ou semântica, analogia a outra(s) língua(s), exemplos adequados a cada definição, etc. e seu significado(s).

Estas variações podem ser de ordem diversificada: gráfica<sup>13</sup>, fonético-fonológica (alteração de um ou mais sons de uma palavra), morfológica, lógico-semântica, temporal (arcaico vs recente), referencial, dialetal<sup>14</sup>, etc. Abaixo, seguem-se alguns exemplos dessas variações, apresentadas por ordem alfabética de A a Z e indistintamente, sem, portanto, agrupá-las em tipologias devido a carência de estudos nesse sentido.

<sup>12</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lema\\_\(lingu%C3%ADstica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lema_(lingu%C3%ADstica)) (acesso em 10/02/2021)

<sup>13</sup> A grafia das línguas africanas/ bantu moçambicanas está longe de estar estabilizada, havendo, por isso, oscilações de autor para autor e mesmo do mesmo autor e por vezes na mesma palavra. Mas, a variação não é um fenómeno exclusivo do *nyungwe* e nem tão pouco das línguas africanas/ bantu como estas três grafias o demonstram, *jiu-jítsu*, *jiujitsu* e *jujútsu*, todas constituindo aportuguesamentos do japonês, de Carlos Rocha (2007), citando o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (edição brasileira). <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/arte-marcial-japonesa/22325> (acedido a 09/02/2021). Ainda hoje, apesar dos esforços para a padronização das línguas moçambicanas, que já resultou em quatro relatórios publicados: Relatório do IV Seminário (Centro de Estudos Africanos, 2018), Relatório do III Seminário (Centro de Estudos Africanos, 2012), Relatório do II Seminário (NELIMO, 2000), Relatório do I Seminário (NELIMO, 1989), está longe de alcançar os consensos desejados mesmo entre os poucos autores da escrita *nyungwe* com obras publicadas. Talvez isso se prenda com o fato da ortografia *nyungwe* ter sido determinada nas costas de autores da escrita *nyungwe*. Se contasse com a sua participação, ter-se-ia uma grafia diferente da vigente e a língua escrita *nyungwe* de certeza que não seria a mesma, pelo menos, em alguns aspetos. Mas há quem considere o problema de grafia como um problema linguístico de somenos importância. Os dados aqui reunidos parecem sugerir o contrário, na medida em que a escrita - pelo menos nestas línguas ágrafas - pode interferir profundamente na língua, pode até deturpá-la. Neves Romeu (nota de rodapé n.º 8) revela como a escrita incorreta pode alterar os significados das palavras.

<sup>14</sup> Que tendem a inclinar-se para umas das línguas vizinhas: ou para o *nyanja*, ou para o *sena*, ou para o *tawara*, ou ainda para o *dema*.

A razão que justifica a junção das variantes numa mesma entrada é a de que, globalmente, os seus sentidos são semelhantes. Somente nalguns casos, raros, há diferença, mas é pouquíssima, por isso, desprezível. A vantagem disto é o ganho em espaço (, tempo e dinheiro). O leitor encontra num só sítio o que estaria disperso pelo dicionário. A desvantagem apontada pode ter a ver com dificuldades na consulta da(s) variante(s) que não ocupam a posição cimeira.

*Kubenda/ Kuwenda* 'aproximar-se sorrateiramente de', *Kubinda/ Kubindira* 'tapar genitais com pano (mulher) ou com rabo (cão)', *Kubodola/ Kuwodola* 'amolgar', *Kubohomola/ Kubonkhomola* 'chorar gritando muito', *Kubola/ Kubowola* 'furar', *Kubududza/ Kubudukidza* 'pôr de borco uma vasilha', *Kubugudula/ Kubzwugudula* 'torcer o pé', *Kubulubuda/ Kuguluguda* 'trincar coisa dura', *Kubvanda/ Kubvanya* 'esmagar', *Kubvodola/ Kubvondola* 'esmagar coisas moles', *Kubvulumula/ Kubvulumusa* 'afugentar', *Kungingimisa/ Kungingisa* 'fortificar', *Kungwoxa/ Kungwululuxa/ Kungwuluxa/ Kungwuxa* 'vergastar, betar', *Kungweredza/ Kungwereza*, 'fazer girar em círculos', *Kungwungwuta/ Kungwututa*, 'puxar arrastando', *Kunyalaliza/ Kunyalaza/ Kuyalaza*, 'nivelar', *Kunyeda/ Kunyedera* 'barrar', *Kunyebvukira/ Kunyewukira* 'piorar de uma ferida', *Kupadzangula/ Kupangadzula* 'esquartejar', *Kupalaliza/ Kupalawiza* 'esticar-se para alcançar o que está longe', *Kupambaza/ Kupamphaza* 'espalhar', *Kupepera/ Kupepeza* 'bater uma brisa', *Lapodyo/ Lapoyo* 'repolho', *Likaho/ Likankho/ Lukaho/ Lukankho* 'remédio que transmite doença aos homens infieis', *Makani/ Mankhani* 'teimosia', *Ndju/ Ndjunge/ Ndjuthe* 'acolorado', *Ngoma/ Ng'oma* 'batuque', *Ngwedegero/ Ngwendero* 'tempero', *Nkhalakata/ Nkhatakata* 'dança de homens', *Nkhankha/ Nkhwankhwa* 'diâmentro', *Nkhongwe/ Nkhwongwe* 'dobrada', *Nkhuthu/ Nkhuthwi* 'surdo', *N'nompfu/ N'nyompfu* 'bife', *Nthabwala/ Nthabwalabwa* 'tagarelice', *N'thambi/ N'thawi* 'ramo', *Nthikho/ Nthiko/ Ntikho/ Ntiko* 'colher de pau', *Ntowa/ Ntowo* 'fruto', *Ntsalasala/ Ntsasala* 'vassoura', *Ntsangalabwe/ Ntsongolobwe* 'seixo', *Ntucuswa/ Ntukuxa* 'vergão na pele', *Nyakudza/ Wakudza* 'vindouro', *Nyankanwa/ Nyankamwa* 'que critica muito', *Phumphe/ Pumphe* 'cerveja tradicional doce', *Pswuluda/ Pswuludwa/ Pswunudwa* 'lagartixa caseira', *Sitriti/ Swititi* 'direitinho', *Thangawero/ Thangayero* 'coxa', *Thawale/ Thawe* 'lago', *Thewera/ Thowera* 'espécie de ceroula', *Tondolindo/ Tondondo* 'passarinho', *Ukhukha/ Ukhukhulira/ Ukhulira* 'laço de armadilha', *Ulawi/ Ulawidzo* 'prova', *Uthethwa/ Uthwethwa* 'choraminuice'

Do que acima fica exposto, depreende-se que se trata de um fenómeno recorrente e abrangente nesta língua, possivelmente reflexo de alguma oscilação fonético-fonológica e lexical. Campo que, com certeza, reclama mais estudos.

Muitas palavras (comuns) do *nyungwe* procuram reproduzir o objeto, o som, a imagem que representam. Daí, os seus significados serem mais motivados que convencionais. Ou seja, a palavra *nyungwe* representa o que ouve, vê, toca, apura o sabor, o olfato. Assim, os significados em *nyungwe* devem ser inferidos ao pé da letra. Pelo que, intuitivamente, pressente-se que cada palavra *nyungwe* está impregnada do(s) seu(s) significado(s), mesmo sem estar contextualizada. Isto é devido à natureza ideofónica (ideofones<sup>15</sup>):

---

<sup>15</sup> São palavras marcadas (que se destacam ), cujas formas representam imagens sensoriais que são representativas do seu significado. <http://ideophone.org/three-misconceptions-about-ideophones/> (acesso: 29.01.21)

*Bzwuu* (ideo.) ‘de rabo para o ar’; *Cidololo* (n., onom. do lo lo lo) ‘papas grossas’; *Cikukumira* (n., onom. ku ku ku; ciri kukuyimira?) ‘gaguez’; *Cimpswe* (n., onom. mpswe mpswe mpswe) ‘periquito’; *Cindzondzontali* (n., onom. ndzo ndzo ndzo, kutalimpha) ‘pessoa alta’; *Cizingizil Zingizilin* (n., onom. ziii ziii ziii) ‘vespão, grande vespa’; *Kabvumbvuli* (n., kubvumbvuliza, cibvuli) ‘remoinho’; *Kukhala*<sub>1</sub> (v., onom. khale, cikhalo; Kalahari?, Af.; kore kore, khoi khoi; ku xala?, kimb.; Gara Mou...?, Sahara, Sultão Negro; karibu?, swa.) ‘ficar’; *Kumbwera* (v., onom. bwee) ‘cair aos montes’; *Kumeta* (n., onom. me me me/ metu metu metu, lumeta) ‘rapar’; *Kutapa* (v., onom. tapu tapu tapu; utaka; Mutapa/ Mwanamutapa/ Munyumutapa/ Monomutapa) ‘tirar a maior parte’; *Nziro* (n., nziriro; nsiro?, musiro, mkh., Sultano de Angoche) ‘pedra de polir’; *Pfekulo* (n., kupfekula) ‘pente’; *Pfendudwa* (n., mpfendu, kupfendula) ‘pele gasta de cobra’; *Pfe pfe/ Pfefefe* (n., fewe fewe fewe?/ pfew pfew pfew?) ‘pedra arenosa’; *Pfiti pfiti/ Pfitipfiti*<sub>1</sub> (adv., onom. pfiti pfiti pfiti) ‘chuveisco’; *Pfuzi* (n., onom. pfuu-zii, cipfu; pfizi, xona) ‘peido’; *Phale phale/ Phalephale* (n., onom. pha pha pha/ pho pho pho) ‘pipocas’; *Phaphidwe* (n., onom. pha pha pha, papiro?; (b/p)apiro, xona; papyrus) ‘asa’; *Phasi* (n., onom. pha pha pha, pantsi; pasi, xona) ‘mel subterrâneo’; *Pheru pherul Pherupherul Peperu Peperul Peperu-Peperu* (adv., onom. peru peru peru, kupeperuka) ‘defraudar’; *Phwaphwa* (n., onom. phwa phwa phwa; Mpwapwa?, Tan.) ‘sovaco’; *Pitipiti* (adv.) ‘passagem contínua’; *Pswepswe* (n., onom. pswe pswe pswe) ‘tipo de formiga preta’; *Pswololo* (n., onom. pswo lo lo lo) ‘mocho’; *Thephwe* (n., onom. phwete phwete phwete, thephwete) ‘telápia’; *Utaka* (n., thaka, nthaka, upswaka) ‘herança’; *Utenda* (n., tenda?, pt) ‘doença’;

Quando se coloca a questão da pertença da língua *Nyungwe* a este ou aquele grupo, refere-se que ela pertence ao grupo linguístico Shona, da Zona Sul-Centro, de que fazem parte as línguas: *Korekore*, *Zezeze*, *Karanga*, *Manyika*, *Ndau* e *Kalanga*, surgindo o *Nyungwe* como uma das variantes de *Korekore* (Doke, 1954, citado por Câmara, 2018). Os dados linguísticos de que compulsados apontam nesse sentido:

*Kale kale/ kalekale* (adv., kore kore/ korekore) ‘antigamente’; *Kumanika* (v., onom. mana/ mani(ke), kumana?, Manica) ‘pendurar’; da maior parte das palavras comuns em *nyungwe*, ou são ortónimos de mambos (reis, chefes étnicos), ou de acidentes geográficos (incluindo rios), ou de fenómenos naturais, ou ainda da fauna e flora em geral. Isto é corroborado com Skhosana (2009: 37), citando Bryant (1929: 425) e Coetzee (1980: 206):

a tradição Nguni de carregar escudos de guerra e as habilidades artísticas de os usar durante a guerra atuaram como uma forte razão motivacional para a designação dessas tribos falantes de Nguni com o nome de “Tebele”. A explicação de Bryant sobre o significado do nome em questão certamente coincide com a de Coetzee (1980), que também afirma que a língua de origem da qual o nome “Ndebele” se origina é, sem dúvida, uma língua Sotho.<sup>16</sup>

No fundo, estas palavras são motivadas por uma circunstância ou outra. Enfim, a língua está cheia de testemunhos desde acidentes geográficos, passando por feitos

<sup>16</sup> the Nguni tradition of carrying war-shields and the artful skills of using them during war acted as the strong motivational reason for the designation of these Nguni speaking tribes with the name “Tebele”. Bryant's explanation of the meaning of the name in question certainly tallies with Coetzee's (1980), who also maintains that the source language from which the name “Ndebele” originates is no doubt a Sotho language.

históricos de toda a sorte, praticados por reis (mambos) ou a seu mando, chefes militares ou simples guerreiros (soldados) de parte a parte (os locais, por um lado, e os vindouros, por outro), até aos grupos étnicos (povos):

*Kalimba* (n., Limba?, RDC; Kaliba, Kariba?, Zâmbia, kulimba) 'roubar'; *Kuba* (v., kubata?, xona; Hadzabe'e?, Tan.; baneane?, Ind.; kub(end)a?, kupha?) 'roubar';

O Vale do Zambeze, onde se localiza a língua *nyungwe*, é um caldo de povos, culturas e línguas. Como consequência, a língua *nyungwe* está pejada de influências quer de povos continentais (africanos) quer povos longínquos (portugueses, árabes, indianos, ingleses, indonésios). Isto está refletido, nomeadamente, no seu léxico, naquilo que normalmente se designa de empréstimos. Senão, vejamos:

#### ✓ **anglicismos** (ing.)

Muitos dos anglicismos ou provável proveniência e/ou influência inglesa terão entrado em *nyungwe* sobretudo via Zimbabwe para onde alguns homens *nyungwes* para lá emigravam à procura de melhores condições de trabalho e de melhores salários: *cigodi* (*gold*), 'crista de cabelo',

*Bambo* (n., bump?) 'solavanco'; *Bande<sub>2</sub>* (n., bundle?; belt?) 'cinto'; *Becho* (n., bet, ing., kubecha) 'aposta'; *Cheni* (v., chain, ing.) 'corrente'; *Cigodi* (n., golden boy?, ing.) 'crista de cabelo no corte'; *Cireyi* (n., trolley, ing.) 'trenó, zorra'; *Cingerezi<sub>in</sub>* (n., English, ing.) 'inglês'; 'bom'; *Dipa* (n., deep(er)?, ing.) 'lança'; *Djeke<sub>1</sub>/ Djeko* (n., onom. djeketu, kudjeketula, djeke; jokey?, ing.) 'boneca'; *Lezi* (n., razor, ing.) 'lâmina'; *Phini* (n., pin, ing.) 'alfinete'; *Waya* (n., wire, ing.) 'arame'.

Do inglês, herdamos também toda uma linguagem de boxe, mas também do dinheiro.

#### ✓ **angolanismos** (Ang.)

Os angolanismos em *nyungwe* testemunham a forte presença de angolanos na região de Tete, idos ou como militares para as ditas "campanhas de pacificação" ou para trabalharem na administração colonial ou noutros setores:

*Camba* (n., liamba, kim., Ang.; mbandje) 'liamba'; *Cidondi* (n., Dondo?, Sofala, Angola; madondolozí?, dongo?) 'mascarado'; *Dimba* (n., dibhya, kimb.; (h)imba, timba, kutimba; Zimb.?) 'horta'; *Dongo* (n., Dongo/ N'dongo) 'barro, argila'; Kuwandza (v., kuwaza?, kumwaza?; Kwanza?, Angola) 'exagerar na medida'; *Mwana* (n., mu-anwa, kuwanwa, kuwaniwa; mona, kimb., Ang.) 'criança'; *Ndjinga* (n., ginga?, pt; Njinga/ Nzhinga/ Ndzinga, Angola) 'bicicleta'; *Ntamba<sub>1</sub>* (n., quinamba?, kim., Ang.; mtambo?, swa.; mutamba, kutamba?, xona) 'pontapé'; *Ntima* (n., onom. t(h)i t(h)i t(h)i, mutima, kutitima; muxima, kimb., Ang.; motema, swah./ lingala; iman?, ár.)

Sóstenes Rego, Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe...*

'coração'; *Tubzwi* (n., tuji?, kimb., Ang.; Matuzianye? (matubzwi + anye, kunya), Mwe.; tuvi, fio./ibi.) 'merda, fezes'; *Zembezi<sub>in</sub>* (n., Chambeshi, Zâm.; Nsambi/ Nzambi, kim., Ang.; Gab.; nsambe, kusamba) 'deus'; *Thako<sub>1</sub>* (n., taku, kimb., Ang.) 'nádega'.

#### ✓ **arabismos** (ár.)

Como já foi assinalado, a presença árabe em Moçambique é muito mais antiga e mais estendida no tempo. As suas principais atividades eram o comércio (incluindo o de escravos), ligando o interior de Moçambique (Monomotapa - Tete) ao litoral e à Península Arábica e a Pérsia.

*Afirika* (n., alkafir, ár.) 'África'; *Kafiri<sub>in</sub>* (n., jaffir/ kaffir/ kâfir/ káfr, ár., cafre, pt) 'cafre'; *Kayidi* (n., al-qadi?, ár.; Caim?) 'cela'; *Kufika* (v., ifiqik?, ifika?, ár.) 'chegar'; *Kusala* (v., Sahara?, ing.; salam?, swah.; Salalah?, shalom?, ár.; kukhala) 'ficar'; *Kuwusa* (v., Usama?, ár.; uswa) 'apascentar'; *Nchala* (n., cala, inxalá?, ár.) 'unha'; *Nsendzi* (n., musenzi, kusenzza; zenzi, musenzi, xona; zanj/ zenji/ zendj?, ár.) 'negro, preto'; *Tsala* (n., Sahara, Af.; sala, kusala) 'campo de pousio'; *Ufiti* (n., ufitsi (fitsi), nya., ufesa, kufa; ul-fitr?, ár.; feed?, ing.) 'feitiçaria';

#### ✓ **castenhanismos** (cast.)

O castelhanismo afigura-se-nos estranho, só explicável tendo em conta de que a presença de missionários espanhóis, como os Padres do Instituto de São Francisco Xavier de Burgos, por exemplo: *Bwino* (adv., bueno?) 'bom'.

#### ✓ **changanismos** (cha.)

O changanismo ou a provável proveniência e/ou influência changana encontra o seu "chão" desde a época do Império de Gaza, com Ngungunhana como Imperador, cujo território se estendia do sul de Moçambique até Barwe - Manica (invasões nguni). Há quem até apregoe que o *changana* seja a língua mais falada de Moçambique (1.660.319<sup>17</sup> falantes)!:

*Boko* (n., Igbo?, Nig.; Bokuto?, fei.; Boko?, Braz.; voko, cha.; ruoko, xona; beg?, ing.) 'braço'; *Cibalo* (n., chibharo, xona; chibalekile?, cha., kubaleka) 'trabalho forçado'; *Cifanikiso/ Cifanikizo* (n., Áf. S., kufanana?, cha.) 'imagem'; *Cifuwa<sub>1</sub>* (n., cifuwa; kufuwa) 'peito'; *Cizungu* (n., Chisungu?, Zam.; cilungu, cha., Mulungu; muzungu, nzungu, kuzungulira) 'português'; *Dzandjal Mandja<sub>x</sub>* (n., xandla, cha.; kuchandjika?; kuyandja?) 'mão'; *Khulo* (n., khulu?, cha.; nkulu) 'rugido'; *Kuchanga* (v., onom. cha cha cha, chase?, ing.; nchamu; Changani?) 'vergastar'; *Kukhumbula* (v., cha.?, kukungula?) 'arrepender-se'; *Kukumbira* (v., kukombela, cha.) 'pedir'; *Kungunguma<sub>in</sub>* (v., onom. ngu ngu ngu, Ngungunyana) 'estar inchado, insuflado'; *kuseka* (v., kucheka) 'rir'; *Kutsika* (v., kuzika; kutsika, cha.) 'criar'; *Kuzerewera/ Kuzolowera* (v., kutolowera, cha.) 'habituar-se'; *Mbuto* (n., Xiimbuto?, cha.) 'sítio, lugar'; *Mpfundzisi* (n., mufundisi, cha., kupfundza) 'professor'; *Thanga<sub>1</sub>* (n., nthanga; rhanga, cha.) 'curral'.

#### ✓ **indianismos** (Índ.)/ **gowismos** (goa)

<sup>17</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_tsonga](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_tsonga) (acedido a 25/03/21).

A existência de termos de **Goa** é consequência normal da presença maciça de goeses sobretudo na administração colonial portuguesa e no comércio, de que teremos herdado palavras. Moçambique ficou na dependência direta da Índia até ao séc. XVIII. Não é por acaso que, dos PALOP, Moçambique seja o país com maior número descendentes asiáticos:

*Baju<sub>in</sub>* (n., malaio) 'bajó'; *Cigowa/ Gowa/ Guwa* (n., Goa; gwa gwa gwa) 'planície'; *Kucira* (v., ncira; macira, Goa) 'viver'; *Kugwa* (v., Goa?; bwaga?, swah.) 'cair'; *Kukonkha* (v., Konkani?, Goa; nkonkhano) 'juntar, reunir'; *Kupola* (v., Chapora?, Goa; kupora, xona) 'ficar curado'; *Macira* (n., machila?, PM; Maxém?, Goa) 'maca'; *Magwa* (n., pl, Goa?; kugwa; mágoa?, pt) 'acazos'; *Manduwil Manduyi* (n., pl, Mandovi?, Goa) 'amendoim'; *Kubanyira* (v., baneane?, Índ.; kubayira?) 'penhora'; *Kubayira* (v., baneane?, Moç.; cibay, mabay bay) 'recompensar'; *Mabay bay/ Mabaybay* (n., pl, baneane?, Moç.; cibay?, kubayira?..) 'recompensas'.

✓ **makhuwismos** (Mkh.)

A provável proveniência e/ou influência makhuwa no *nyungwe*, motivada pelo comércio de longa distância entre *Zumbu* e *Angoxi* e vice-versa, supera de longe os exemplos aqui apresentados. Isto só revela a necessidade de se realizarem mais pesquisas:

*Mulumbwana* (n., murumbwana, xona; mulopuana, mkh., Sultanato de Angoche, muli-wana?, ulumbana?) 'rapaz'; *Ntsikana* (n., mthiana, mkh.) 'rapariga'; *Masikini/ Masikinyi* (interj., masikini, mkh.; mas quem é?, pt) 'coitado'.

✓ **makondismos** (Mkd.)

Há uma certa ligação afetiva entre *nyungwe* e *makonde* que radica de alguns hábitos comuns e consequentemente uma provável proveniência e/ou influência makonde que se pode observar nos seguintes casos:

*Cikuti* (n., likuti?, mkd.; kukutira, kuti thii?) 'ajuda mútua'; *Kukula* (v., lipiku, mkd.; Kuran?, ár.) 'crescer, tornar-se adulto'; *Malire* (n., Mariri?, mkd.; maliridwe, kumala) 'limite'.

✓ **malawismos** (Mal.)

*Cikalango* (n., Karonga?, Karanga?, cirango; gikalango?, cha.) 'panela de barro grande'.

✓ **portuguesismos** (pt)

Os portugueses marcaram indelevelmente a sociedade *nyungwe* em todos os seus aspetos. O léxico é disso apenas um exemplo. Tete é um dos locais onde os portugueses

instalaram feitorias primeiro (1535)<sup>18</sup>, a par de Sena (1530) e Quelimane (1544) para o comércio. Antes, missionários, comerciantes, exploradores, aventureiros, criminosos, degredados, militares, administradores, etc. já cruzavam o país de lés a lés. O Rio Zambeze serviu de grande via de penetração para o interior em busca do ouro do *Mwenemutapa*. Ao longo das suas margens, surgiram os prazos do Vale do Zambeze, um sistema de colonização indireta da coroa através dos prazeiros e das famosas donas da Zambézia:

*Bala* (n., bala) 'bala'; *Bandazil Kabandazi* (n., bandakadzi; capataz?) 'capataz'; *Bichu* (n., bicho) 'escravo'; *Biriwita* (n., belita?, pt, kubiriwira) 'tecido cru preto'; *Cibanti<sub>in</sub>* (n., charmante?; cheio de brilhantes?) 'enfeites'; *Cagada* (n., jangada?) 'cinto'; *Cifuzo* (n., fuzil?, pt) 'fuzil'; *Cigaleta* (n., bicicleta?, pt) 'jante de bicicleta'; *Cikalo* (n., cigarro?, pt) 'desejo de fumar'; *Cinthero* (n., inteiro?, pt, biriwita) 'pano cru'; *Litsito* (n., recinto?; pt rutsito, xona) 'cerca, sebe da casa'; *Nyagirinya* (n., negrinha, pt) 'escrava doméstica'.

#### ✓ **nyandjismos** (nya.)

Apesar da invasão *nguni* ter sido travada em *Barwe*, isso não impediu que alguns grupos, à revelia ou em debandada alcançasse Angónia (*nguni*), atravessando a região dos *anyungwe*, onde terão deixado as suas marcas da provável proveniência e/ou influência *nyanja* que se pode associar ao surgimento do Império de Gaza (*Ngungunyane*), ao processo *Mpfekani*:

*Bvuto* (v., kubvuta) 'sofrimento'; *Bzwombo* (n., bzwi ombo, kuwomba?) 'utensílios domésticos'; *Cakudya* (n., kudya, cakuda) 'comida'; *Cigwirizano* (n., kugwirizana; cigwinyizano) 'ajuda mútua'; *Cirolezo* (n., cirowezo?, kulowa) 'licença'; *Cithukuku* (n., kuthukula, kuthukuza?) 'progresso'; *Citseko* (n., kutseka?) 'porta de canal palha'; *Dziko* (n., ziko, nya.; nziko?, kuzika; ntsiko?, ntsiku?, kutsika) 'país'; *Kayera* (n., kuyera) 'feijão branco pequenino'; *kudiwala* (v., kudiwala) 'esquecer'; *Kugopa* (v., kuwopa?) 'temer'; *Kulowerera* (v., nya.?, onom. lowerere) 'ir pelos matos fora'; *Likodzo* (n., kukodza) 'bilhariose'; *Muyaya* (n., muyaya, nya.?) 'sem fim, eterno'; *Pepani* (exp., pepani; kupepesa) 'desculpe';.

#### ✓ **swahilismos** (swa.)

Antes dos portugueses, já os *swahili* tinham estabelecido uma feitoria em Tete. Comerciam ouro, escravos, marfim com a costa: *Ibo*, *Melide*, *Mombasa*, *Kilwa*, *Zanzibar*, etc. temos marcos dessa provável proveniência e/ou influência swahili através do comércio que permitiu ligar a costa ao interior do cobiçado de ouro de *Mwenemutapa*:

*Dzina* (n., Ezinma?, Igbo, Nig.; jina, swa.; zita, xona; dzindza) 'nome'; *Khumi<sub>2</sub>* (n., kumi, swa.) 'dez'; *Kubala* (v., habari?, swa.; onom. balala, kubalalika, kubalalisa?; bore?, ing.) 'dar a luz'; *Kubvala* (v., kuvaa, swa.; Távora (Tawala)?; mabvalo?) 'vestir'; *Kugawa* (v., gawo, swa.; kugawa, kugawanya, swa.; Gao?, Mali) 'repartir'; *Mbew* (n., mbegu, swa.; imbew, zul.; Chikura Wadyembeu, Rozvi mberi?, xona) 'semente'; *Nay* (num., nne, swa.) 'quatro'; *Ndzeru* (n., mzee?,

18 No século XVII, a região era já o principal centro comercial do interior de Moçambique, sendo, por isso, um dos mais antigos aglomerados portugueses do interior africano. [https://www.infopedia.pt/\\$tete?intlink=true](https://www.infopedia.pt/$tete?intlink=true) (acedido a 25/0/21).

swa.; Maseru?, Les.; yeruzo, kuyeruza) 'juízo, sabedoria'; *Ndjira* (n., njia, swa.; Kanjila?, yao; Mzila?, Muzila; ngela, cha.) 'caminho'; *Nguwo* (n., nguwo, swa.; gown?, ing.; muguwo?, kuguwa?) 'pano, tecido'; Nsozi/ Tsozi (n., chozi, swa.; musuzumiro, nsuzumiro?, kusuzumira) 'lágrima'; *Nyongo* (n., nyongo, swa.) 'porfia'; *Nzungu* (n., mzungu, swa.; mu-zungu, mazungu, dzungu, kuzunguza, kuzungulira, nzukwa?) 'branco'; *Piri* (num., mbili, swa.) 'dois';

✓ **xonismos** (xona)

A parte da província de Tete onde se fala *nyungwe* pertencia ao Império do *Mwenemutapa*. Aliás, os *anyungwe* parece ascenderem dos kore kore, um dos povos do Zimbabwe. Para eles, Zimbabwe é uma espécie de segunda pátria. Continua a haver muita porosidade fronteiriça e entrecruzamento entre os povos xonas e os das antigas zonas daquele Império. Muitos homens *nyungwes* iam para Zimbabwe trabalhar nas quintas e nos quintais. Não admira, pois, que partilhem muito léxico comum:

*Bandazil/ Kabandazi* (n., bandakadzi, xona; capataz?, pt) 'capataz'; *Bara<sub>in</sub>* (n., bare?, xona) 'mar'; *Bulula* (n., bulu; bhurura, xona) 'mosca tsé-tsé'; *Cibalo* (n., chibharo, xona; chibalekile?, cha., kubaleka) 'trabalho forçado'; *Cibatso* (n., cibats(ir)o, kubatsira, cibatizo?, kubatsa, xona) 'penhor, dote'; *Cikhute* (n., cihunde, xona; hut?, ing.) 'casa ou vedação de palha ou folha diversa'; *Cimbudzu<sub>1</sub>* (n., chimbuzi, xona; ku mphundzu) 'retrete'; *Diwa* (n., kuwa?, xona; tiwa?, kutiwama) 'ratoeira de pedra'; *Kuchona* (v., Shona, xona, kudjoni?) 'radicar-se em terras shonas'.

Chegaram, ao *nyungwe*, *afrikaansismos* (*Afrikaans*) ou provável proveniência e/ou influência afrikaans e não só, possivelmente, por via xona (Zimbabwe), donde alguns trabalhadores *nyungwe* partiam para a África do Sul:

*Basa* (n., basa, xona; boss, ing.; baas, afr.) 'trabalho', *Basi* (adv., interj., basi, xona; baas?) 'basta'; *Basopa/ Basopo* (interj., basopo, pas up?) 'cuidado'; *Duku* (n., kopdoek) 'lenço da cabeça para senhoras'; *Kabudula* (n., kortbroek?; kakubudula?, kubudula, kudula, nya.) 'calções'; *Kubasopa* (v., basopa) 'cuidar'; *Kucosa* (v., xhosa?, Af. S.) '(re)tirar'; *Kuphata* (v., onom. phatu; Pata Pata, Af. S.) 'agarrar, pegar'; *Kutenga* (v., Gauteng?, Af. S.; kutonga, kuthenga?, xona) 'levar/ buscar'; *Kuwenga* (v., tshivenda?, Af. S.; gawenga?) 'odiar'; *Kuzula* (v., onom. zu; zulu, Af. S.; Mazura? Mambo; Kazula?) 'arrancar da terra'.

✓ **yaoismos** (yao)

Os *yao* inseridos no Império Maravi, muito influenciado pelo islamismo devido ao seu comércio com os árabes, um dos mais antigos, senão, o mais antigo contato na África Austral, também exerceram a sua influência sobre o *nyungwe*:

*Khonde/ Likole* (n., Honde, Barwe; hunde?, xona, nkhondo; likhonde, yao?/mkd.?) 'varanda'; *Mataka* (n., pl, Mutaka?, Mataka, yao; thaka, utaka?) 'terra, chão'; *Mbumba* (n., mbumba, yao; mubumba?, kuwumba?) 'parentela, família, multidão'.

✓ **zambianismos** (Zamb.)

Para a Zâmbia também se deslocavam alguns *anyungwe* à procura de trabalho nas minas de cobre, barragem (Kariba), além do fator vizinhança.

*Cisimba* (n., Chisimba, Zam.; ntsimba?, xona; cisi?; kusimba?) 'santinho'; *Kalimba* (n., Limba?, RDC; Kaliba, Kariba?, Zam., kulimba) 'xilofone'; *Kubisa* (v., onom. bii; Bisa?, Zam.) 'esconder'; *Kudzala* (v., Dzalanyama mountains?, Mal./ Zam.; kudza?; zala?, Ang.; Zalala?, Quelimane; Salalah?, Oman) 'estar cheio'; *Kulamba* (v., Lamba, Zambian Copperbelt, Zam.; Amaramba?, Nia.; Kilamba?, Kim.) 'recusar'; *Kulimba* (v., Limba?, RDC; kalimba, Kaliba?, Kariba, Zam.; himba; Quirimba?; kusimba, xona) 'ser/estar forte/ bem'; *Kulodza* (v., lozvi-lozwi-rozwi, rozvi, lozi, malozi ou barotse, Zam.; kulobzwika?, kulota?; kurozva, xona; kuloza, cha., 'sonhar') 'enfeitiçar';

A dimensão dos empréstimos linguísticos em *nyungwe* é muito diversificada e pluricontinental, como os exemplos abaixo procuram espelhar:

*Basa*<sub>1</sub> (n., basa, xona; boss, ing.; baas, afr. 'trabalho'; *Cifanikiso/ Cifanikizo* (n., Áf. S., kufanana?, cha.) 'espantalho'; *Gwangwa* (n., Gwangwa, Áf. S.) 'celeiro'; *Kulondola* (v., kulonda; kulondolola?, Áf. S.) 'ir atrás de, seguir alguém'; *Kuwira* (v., Huila?, Ang.) 'iniciar a ferver'; *Kuyamba* (v., Mayombe?, Ang.; kuhamba?, xil.) 'começar'; *Kuzungira* (v., kuzunga, zungueira?, Ang.) 'visitar alguém'; *Kuzerewera/ Kuzolowera* (v., kutolowera, cha.) 'habituar-se'; *Mbuto* (n., Xiimbuto?, cha.) 'lugar'; *Mpfundzisi* (n., mufundisi, cha.) 'professor'; *Kudziwa* (v., Dziwe Dziwe?, Mut.) 'saber'; *Kukoma* (v., Likoma?, Nia.; Nyankoma? (Nyangoma), Mut.) 'saber bem'; *Kutola* (v., Torwa?, Mwe.; kutula) 'buscar, levar'; *Manungo* (n., pl, Maungo?, Mwe.; manu nu nu?, kununa) 'organismo, forças, disposição'; *Mwenye* (n., Mwe.; monhé) 'comerciante asiático'; *Cipandel/ Cipindi* (n., Chipande, Nia.) 'parte'; *Kulokota* (v., kore kore?; Marocotera?, Nia.) 'achar, apanhar'; *Kuwamba* (v., Wamba?, Ken.; Kuamba, Nia.) 'fumar com fogo'; *Kulamuka/ Kumuka* (v., Lamu, Npl.) 'acordar, erguer-se'; *Bvuto* (v., kubvuta, nya.) 'sofrimento, chatice'; *Cigwirizano* (n., kugwirizana, nya.; cigwinyizano) 'ajuda mútua'; *Cimande* (n., kumanda?, nya.) 'nódoa'; *Ciwambo* (n., ciwabu?, Chiwabo, Zamba.; Chivambo?; kuwamba?) 'nome de etnia'; *Kaliri* (n., caril, PM, curry, ing.) 'molho, conduto'; *Lowolo* (n., lobolo, PM) 'dote'; *Mankhwala* (n., pl., makwara, Inh.; kuhwara?, xona) 'remédio(s)'; *Nxopil/ Xopi* (n., copi, Inh.) 'albino'; *Mpata* (n., Lupata, Zem., kupata) 'estreito'; *Kutambalala* (v., Tambara?, Man.; kutamba kurara?, xona) 'sentar-se com pernas esticadas'; *Kutandika* (v., Catandica, Man.; kutando-ikha?, citanda?) 'estender'; *Usakala* (n., Nyasakala, Man.; usaya kukhala?, kusakala) 'trapo, farrapo'; *Kutaza* (v., Taza, Mar.; kuthadza?, xona; capataz?, pt.) 'não saber';

Passando por África. O comércio e o trabalho escravos movimentaram bens e homens (sobretudo) em várias direções de África. Os portugueses foram os primeiros europeus (ocidentais) a porem os pés em África e também os que mais tempo lá permaneceram. Terão calcorreado a África de lés a lés:

*Cirombo* (n., kikongo?, RDC; Quilombo?, Br./ Ang.) 'bicho'; *Kuduwala* (v., dowá, Dowá?, Mut.; duala, Douala/ diwala/ dwela/ dualla/ dwala?, Cam.; Dwarka?, Índia) 'adoecer'; *Kugona* (v., onom. gone; Logone?, Cam.; kukonwa?) 'dormir'; *Kuwonda* (v., onom. wonde wonde wonde, Yaounde, Ewondo?, Cam.; Liwonde?, Mal.; wound?, ing.) 'emagrecer'; *Dzina* (n., Ezinma?, Igbo, Nig.) 'nome'; *Khonkho* (n., okonkwo?, Igbo, Nig.) 'conservar bem, asseio'; *Kufuna* (v., Ikemefuna?, Igbo, Nig.) 'querer'; *Kukoka<sub>in</sub>* (v., cocoa; makouka?, CM) 'atrair'; *Kuphata* (v., Napata?, Egt.; kupha?, phathi, kupata) 'pegar, agarrar'; *Kucita* (v., Kuchita/ Kuxita/ Kushita?, Egt.) 'fazer'; *Mulomo<sub>1</sub>* (n., Oromo, Lomo?, Eti.) 'boca'; *Surma* (n., Eti./ Som.) 'jogo de agarra o ladrão'; *Nthethwa<sub>in</sub>/ Nthetha<sub>in</sub>* (n., fan.?, kuththa) 'medicinas'; *Madzi* (n., pl., mazi, fio./ ibi.) 'água'; *Mafuta* (n., pl, mafuta, fio./ibi.) 'óleo, banha'; *Masikati* (n., pl, masika, fio./ibi.; masiku ya kati, xona) 'meio-dia'; *Zembezi<sub>in</sub>* (n., Chambeshi, Zâm.; Nsambi, Nzambi 'God', Gab.; nsambe, kusamba) 'nome de rio'; *Dzimba<sub>1</sub>* (n., Chiyumba, umb.; pl. himba, xona, Zimba?, nzimba, musimba?) 'toca subterrânea';

*Gowero* (n., Gweru~Gwelo?, Zim.; Goedereede Gorée?, Sen.) 'casota de rapazes'; *Kubinda/ Kubindira* (v., onom bindi; Bindura?, Zimb.; kubinda?, Cabinda?, Ang.; bind?, ing.) 'ter cio, enfiar a cauda entre o rabo'; *Kweru* (adv., Gweru?, Zimb.; kwa heri?, swah.; yeru?) 'cedo'; *Mbew* (n., mbegu, swa.; imbew, zul.; Chikura Wadyembeu, Rozvi mberi?, xona) 'semente'; *Kulamba* (v., Lamba, Zambian Copperbelt, Zam.; Amaramba?, Nia.; Kilamba?, Kim.) 'recusar'; *Ncira* (n., ncila, cha.; mucira (kucira), mukira, kumuka; ci ri ri?; mukila, kim.) 'cauda, rabo'; *Ndzeru* (n., mzee?, swa.; Maseru?, Les.; yeruzo, kuyeruza) 'inteligência'; *Nsobwe* (n., onom. bwe bwe bwe?, mbwebwe?; nsobe/ nsope?, mkh., Sultanato de Angoche) 'riso'; *Nziro* (n., nsiro?, musiro, mkh., Sultanato de Angoche) 'pedra de polir'; *Xamwali* (n., emwali?, mkh., Sultanato de Angoche; ca Mwari?, xona) 'amigo'; *Cikalango* (n., Karonga?, Mal.; Karanga?, cirango; gikalango?, cha.) 'panela de barro grande'; *Dzomba* (n., Zomba, Mal.) 'praga de gafanhotos'; *Kulonga* (v., Karonga?, Mal.; kulonga, sena) 'ordenar por fila, arrumar'; *Kutaza* (v., Taza, Mar.; kuthadza?, xona; capataz?, pt) 'não saber, ser incapaz'.

Até ao resto do mundo, também como consequência do comércio e o trabalho escravos. Os portugueses também abriram a África ao mundo (para o mal e para o bem (talvez)):

*Xereni* (n., shilling, ing.) '1 euro'; *Xolo* (n., senhor, pt) 'senhor'; *Yaso* (n., aço, pt) 'aço'; *Zimola* (n., esmola, pt.) 'cego'; *Zubera* (n., algibeira?, pt.) 'algibeira'; *Nchala* (n., cala, inxalá?, ár.) 'unha'; *Nsendzi* (n., zanj/ zenji/ zendj?, ár.) 'preto'; *Ntima* (n., iman?, ár.) 'coração'; *Thupi* (n., tupi?, br.) 'corpo'; *Bumbu* (n., bump?, ing., bumbum?, br.) 'região pélvica da mulher'; *Kapolo* (n., Kaporo?, Mal.; ka aPolo, Marco Polo?) 'escravo';

Os dados e conhecimentos acima apresentados permitiram-nos lançar algumas luzes a uma matéria ainda muito obscura porque não estudada acerca da lexicografia e/ou dicionarística *nyungwe*, i. e., da edificação de um constructo semântico teórico-prático de uma língua de tradição oral como é o *nyungwe*. Foi possível constatar que cada palavra tinha uma história atrás de si, que remetia direta e/ou indiretamente para o(s) seu(s) significado(s)/ sentido(s). Essa foi a base de partida para o dicionário.

Usei o método crítico ou especulativo na abordagem e tratamento das informações que fui recolhendo, olhando o que se lia, via e ouvia com espírito aberto e profundo, estando sempre disposto a ir além do aparente, do que anda à tona e na espuma dos dias, carecendo, portanto, de confirmação e validação científica. Um olhar crítico permite procurar encontrar a explicação, a razão de ser e de estar dos fenómenos, do que existe, ou não existe, ou deixa de existir; permite emitir juízos de valor, sob pena de não passar dum mero exercício de maledicência, em vez de ciência. Ou seja, um olhar crítico alarga horizontes, abre novas perspectivas e sugere alternativas.

Investir nas línguas africanas/ *bantu* de Moçambique é investir no desenvolvimento local e, por essa via, no desenvolvimento do país, em geral, por aquilo que elas de tão ligados à realidade, à terra, e os ensinamentos para a vida que nos dão. Saberíamos que, na vida, há momentos em que temos que ser astutos como o *sulo* (*satulo*) 'que não

Sóstenes Rego, Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*...

dorme'; saberíamos usar *thambathika* (*thika*) 'planta com galhos bicudos' nos nossos currais e quintais para nos protegermos de feras; aprenderíamos com *cibere* (*kubereka*) 'maçaroca' como acomodar a criança ao colo; que *nkhang* (*kan kan kan*) 'galinha maltesa' é difícil de caçá-la, não só porque corre muito como também porque emitem sinais de alerta mútuos. Mais importante ainda, compreenderíamos melhor como todos somos da mesma família tal como as nossas línguas, etc.

Não é por acaso que Ngunga e Patrício Martins (2012, p. ix) associam o desenvolvimento económico, social, político e cultural do país ao próprio desenvolvimento das línguas dos protagonistas e seus últimos beneficiários:

Na altura, a nossa convicção era de que não era possível o uso de instrumento arcaico para criar a modernidade. (...) a par dos esforços realizados nos outros sectores (...) era preciso desenvolver as línguas que constituem o recurso mais importante da expressão do pensamento das pessoas que concebem e realizam os projectos de desenvolvimento que beneficiam todo o país.

Estas palavras fizeram-me lembrar a minha convicção de que a melhor forma de conhecer e cativar uma pessoa é conhecendo a sua língua. Com ela, conhece-se a sua cultura, a sua história, mais do que os livros destes respetivos saberes humanísticos nos podem ensinar. Pode-se manipular e romancear a história, a língua, não, porque até isso estaria gravado nela.

Inicialmente, o *nyungwe* foi muito influenciado pelo *swahili*<sup>19</sup>. Seguiram-se sucessivas influências do inglês/ *afrikaans*/ fanakalo (chilapalapa) devido às migrações para o atual Zimbabwe onde as pessoas iam trabalhar nas quintas (*farmers*), quintais e minas para ganhar mais dinheiro do que ganhavam em Tete e do governo português, além, obviamente, da influência do *shona*, *sena*, *nyanja*, *makhuwa*, para citar apenas estas línguas similares. O léxico *nyungwe* está cheio de exemplos que comprovam isso.

O *nyungwe* necessita de ver o seu estatuto valorizado através da realização de várias ações, entre as quais, o reforço do seu papel linguístico, económico, social, político, que passa, nomeadamente da sua produção científica<sup>20</sup>. Do ponto de vista

<sup>19</sup> Na altura da chegada dos portugueses em 1530, Tete-cidade era o principal centro comercial swahili, no Vale do Zambeze, do Império de Monomotapa.

<sup>20</sup> Atualmente, serve de língua de instrução primária para crianças de língua materna *nyungwe*, mas ainda não é ensinada em nenhuma escola para quem não a fala e a queira aprender formalmente. Nem esta língua nem as outras. O instituto de Línguas (estrangeiras ocidentais) em Maputo e nalgumas das suas delegações provinciais têm ministrado alguns mini-cursos de línguas bantu de Moçambique sem impacto nacional digno de se assinalar. A forma privilegiada da sua transmissão aos mais novos é ainda a via oral

Sóstenes Rego, Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*...

morfológico, é mais uma língua fusional que aglutinativa já que recorre mais a ideofones e não propriamente onomatopeias<sup>21</sup>, que recorre ao expediente de morfemas prefixais para dar conta de tempo, aspeto, pessoa, número e também morfemas sintáticos ao radical verbal. O sufixo é indicativo do modo verbal.

### **Constatações/ Considerações Finais**

Este Artigo intitula-se "Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe* (não Publicado)". O seu objetivo é expor sucintamente o processo da edificação deste dicionário e a metodologia nele usada para a construção do(s) sentido(s)/ significado(s) do léxico *nyungwe*. Tal metodologia consistiu no apelo aos supostos factos ou causas por detrás de cada palavra. Trata-se do primeiro dicionário monolíngue *nyungwe* a descrever o léxico *nyungwe* e, portanto, a primeira metalinguagem do vocabulário geral desta língua. Refira-se que o dicionário bilingue *nyungwe*-português (1991) existente, pela sua natureza, não é nenhuma metalinguagem do *nyungwe*. Ele limita-se a traduzir ou a apresentar os equivalentes em português.

Desse ponto de vista, o estudo revelou a ausência de trabalhos sobre a origem e significado das palavras em *nyungwe* e a necessidade de se realizarem mais investigações sobre metalinguagens *nyungwes*, matéria ainda completamente opaca. Os portugueses influenciaram e moldaram profundamente a vida dos moçambicanos em geral e dos *nyungwe* em particular em quase todas as esferas desde as línguas, a gastronomia, a indumentária, passando pela economia até à religião. Praticamente, não há palmo de terra em África onde o português não tenha lá posto o seu pé.

A grafia *nyungwe* ainda não está estabilizada. Como resultado, temos variações gráficas: a) do mesmo autor e, por vezes, no mesmo texto, b) de autor para autor (apesar de haver somente menos de meia dúzia a escrever). Saber que o *nyungwe* é uma língua aglutinativa poderia contribuir para a conceção e a prática de uma grafia consentânea essa característica. A grafia instituída para o *nyungwe* pelo NELIMO está longe de ser consensual. A carência de estudos quer lexicográficos quer dialetais não permite tirar conclusões sobre se determinada variação é gráfica, lexical ou dialetal.

---

(de boca em boca). A par disso, há uma emissão em *nyungwe* de algumas horas na Emissora Provincial de Tete, mas isto data da era colonial, que se emitia a partir da cidade da Beira. É a forma mais importante de circulação formal do *nyungwe*. Textos escritos não circulam, exceto os da SIL (Summer Institute of Linguistics), que a partir de 2015(?), organizam sessões de leitura ao ar livre nos bairros e nas casas das pessoas, até agora, apenas na cidade de Tete.

21 <https://forum.duolingo.com/comment/10997328/What-is-an-Agglutinative-language> (acedido a 9/01/21).

Outra constatação que parece derivar da falta de um dicionário monolíngue é o fato de haver um número considerável de palavras não lexicalizadas, que se destacam com a abreviatura *in* (inovação). devidamente assinaladas. Esta pequena amostra evidencia também o caráter aglutinativo desta língua ao exibir muitos casos em que o português necessita de várias palavras para traduzir uma só do *nyungwe*. Isto dificulta imenso traçar a fronteira de palavra, fundamental na determinação de lexema, com a agravante de ser uma língua oral e sem tradição lexicográfica.

Os ideofones são uma característica da língua *nyungwe*. No fim das contas, e apesar dos infundáveis receios que o estudo das línguas nos possa mergulhar em conflitos étnicos, este estudo, bem pelo contrário, mostra-nos que seria um elemento catalisador da nossa unidade nacional, fundada nos laços existentes entre os diversos povos de Moçambique e não só. Numa sociedade sem educação formal, a língua assumia esse papel de ensinar o homem a (con)viver em harmonia com a natureza que o rodeava e a poder tirar proveito dela a partir desse seu conhecimento. O homem podia saber cuidar da natureza e a ter cuidado dela. Esse elo hoje está enfraquecido, com consequências devastadoras para ambos (natureza - homem), mais nefasto para este último. É com a consciência de que “nunca há um ponto final em ciência” (Adalberto Campos Fernandes, SIC, 19/03/21) que ponho ponto final a este artigo.

## Referências

Câmara, Crisófia C. F. Langa da (2018): *Análise Minimalista das Extensões Verbais em Nyungwe*. 285f., Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Ivanov, Valentin (2018): *Some Considerations on Conceptualization of Time in Nyungwe (Bantu N43, Mozambique)*, 155f., Master's Thesis. Porto, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.

Livingstone, David and Charles (1865): *Narrative Expedition to the Zambesi and its Tributaries; and of the Discovery of the Lakes Shirwa and Nyassa. 1858—1804*. London, John Murray, Albemarle Street.

MARTINS, M. (1991). *Elementos da Língua Nyungwe*. Lisboa: Editorial Além-mar.

Ngunga, Armindo e Patrício M. Martins (2012): *Xihlamusarito xa Xichangana*. Maputo, Centro de Estudos Africanos (CEA)/UEM.

Sóstenes Rego, Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*...

Rego, Sóstenes Valente (2012): *Descrição Sistémico-Funcional da Gramática do Modo Oracional das Orações em Nyungwe*. 240f., Tese de Doutoramento. Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Neves, Marco. 'Palavras que o Português deu ao Mundo – Viagens por Sete Mares e 80 Línguas,' in *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/diversidades/arigato-tem-origem-portuguesa/4336> [consultado em 07-02-2021] .

JESUS Film For Nyungwe (2016). Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/diversidades/arigato-tem-origem-portuguesa/4336> ou <https://www.youtube.com/watch?v=8XDGy45I35Q> Acesso em 07 fev. 2021.

Skhosana, Philemon Buti (2009): *The Linguistic Relationship between Southern and Northern Ndebele*. Tese de Doutoramento em Literatura apresentada na Faculty of Humanities, University of Pretória, Pretória.

Lema ou Entrada do Verbetes: Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lema\\_\(lingu%C3%ADstica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lema_(lingu%C3%ADstica)). Acesso em: 10fev.2021.

Língua Umbundu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WdABeeTsCNw> Acesso em: 2 fev.2021.

Neves, Romeu (2007). *Arte marcial japonesa (2)*. Disponível em:

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/arte-marcial-japonesa-2/22357>.

Acesso em: 09 fev.2021.

Recebido em: 05/06/2021

Aceito em: 15/09/2021

**Para citar este texto (ABNT):** RÊGO, Sóstenes. Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.54-76, jul./dez. 2021.

**Para citar este texto (APA):** RÊGO, Sóstenes. Contextualização para a Compreensão do Processo de Compilação do Dicionário Monolíngue *Nyungwe*.(2021, jan./jun.). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(2): 54-76.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>